

## “MEU CRESPO É DE RAINHA”: ENTRELAÇANDO DIÁLOGOS PARA A EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS NA PERSPECTIVA DO DIREITO À DIFERENÇA NA EDUCAÇÃO INFANTIL.

Ednalva Rodrigues de Oliveira<sup>1</sup>  
Kátia Alexandra Santos  
Batista<sup>2</sup>  
Cleyde Rodrigues Amorim<sup>3</sup>

### RESUMO

O direito às diferenças consiste em uma temática abrangente de grande relevância e inflexão, a ser pautada, dialogada e consolidada aos diversos campos da Educação brasileira, nos diálogos dos espaços formativos, processos educativos e na produção de conhecimento e saberes. A educação brasileira ainda demarca, conforme pesquisas acadêmicas, literaturas e registros de educadores, como um espaço/tempo no qual persistem históricas desigualdades sociais e raciais. Uma educação antirracista exige novos processos de aprendizagens, novos significados e novos olhares para os sujeitos de direitos constituídos na sociedade, e em especial no que se trata este texto, a estética das crianças negras da Educação Infantil, assim, a adoção de políticas públicas pelo Estado, para a superação do racismo e da desigualdade racial na educação e o direito à diferença, emergiram sistematicamente com a promulgação da lei antirracista em 2003, desta forma o emergente debate sobre as questões étnico-raciais, racismo, direito às diferenças e diversidade na educação começa a ocupar um lugar mais destacado, possibilitando indagações, problematizações, desafios e redirecionamentos das práticas realizadas pelos sistemas de ensino e pelas escolas.

**Palavras-chave:** diversidade étnico-racial, diferença, estética negra, educação infantil.

---

<sup>1</sup> Professora da educação infantil e mestranda do curso de Mestrado Profissional e educação da Universidade Federal do Espírito Santo - UFES, [ednalvaroliveira@hotmail.com](mailto:ednalvaroliveira@hotmail.com);

<sup>2</sup> Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal do Espírito Santo Mestranda em Educação Profissional. Universidade Federal do Espírito Santo. Membro do grupo de Pesquisa Cnpq – Territórios e Territorialidades Rurais e Urbana. [katiasb30@gmail.com](mailto:katiasb30@gmail.com)

<sup>3</sup> Antropóloga, docente e pesquisadora da Universidade Federal do Espírito Santo, junto ao Departamento de Educação, Política e Sociedade, ao Programa de Pós-Graduação de Mestrado Profissional em Educação e ao Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros, [cleyde.amorim@ufes.br](mailto:cleyde.amorim@ufes.br)

## INTRODUÇÃO

Em momentos da modernidade atual, cada vez mais ecoa o premente debate sobre direito às diferenças e às diversidades, provocando, indagando e desconstruindo paradigmas da sociedade brasileira, promovidos principalmente por representações dos movimentos sociais, ONGs e grupos de pesquisas acadêmicas e culturais.

A Educação em consequência direta, recebe os reflexos destas forças pensantes e insurgentes que ecoam, e consiste num campo dileto aos ideais de reivindicações e mudanças no cenário dos movimentos sociais, e historicamente pelo Movimento Negro. Este, em especial a temática em pauta, merece destaque como um movimento protagonista de lutas, resistências e reivindicações no cenário brasileiro, significando e ressignificações novas práticas, ações e produção de saberes em vários setores da sociedade, em relação à população negra e a sua marcante história de constituição da nação brasileira, que relegada e distorcida impactou reflexos negativos de representatividade do negro enquanto cidadão na sociedade.

## DESENVOLVIMENTO

Nesse processo, a Educação é um espaço/território educativo de direito social, reivindicado pelos movimentos sociais para (des) construção de saberes e conhecimentos, fomento de práticas de relações e representações bem como de perspectivas de projetos educacionais emancipatórios aos princípios da equidade às diversidades étnico-raciais, conforme pontua Gomes (2011, p.134):

“[...] quanto mais aumenta a consciência da população pelos seus direitos, mais a educação é tomada na sua especificidade conquanto direito social. E mais, como direito social, que deve garantir nos processos, políticas e práticas educativas a vivência da igualdade social, da equidade e da justiça social aos diferentes grupos sociais e étnicos raciais.’

Embora historicamente, a luta política por direitos e construção de uma democracia digna para a população negra e afro-brasileiros seja o mote do Movimento Negro, dos

militantes intelectuais e sociais, em vista uma sociedade antirracista, ainda nos deparamos com uma sociedade excludente, discriminatória e racista, que ainda estrutura processos de interiorização e invisibilidade a negros e negras brasileiros (as). Portanto “[...] a comunidade negra não busca uma democracia abstrata, uma cidadania para poucos, mas sim uma igualdade e uma cidadania real, que considere o direito à diferença.” (GOMES, 2011, p.137)

No entanto, a racionalidade hegemônica, universalista ainda impera no contexto escolar, familiar e da sociedade em geral. Impera na teoria social e nas teorias pedagógicas educacionais. Relacionando essas reflexões às teorizações do sociólogo português, Boaventura de Sousa Santos (2007), deparamo-nos com “a razão indolente”, na qual promove a valorização de conhecimentos hegemônicos enquanto desvaloriza, veementemente, os conhecimentos das classes subalternizadas e racializadas.

Epistemologias emergentes, ações e formas de transformação, superação e emancipação das amarras da lógica do colonialismo europeu no conhecimento, necessita de investimentos em projetos educativos emancipatórios, abraçados por subjetividades rebeldes e insubmissas (SANTOS, 2007), em advir transformações sociais e culturais.

Partindo para Educação Infantil, os sentidos das vivências e experiências de aprendizagens oferecidas no campo escolar, para a construção da identidade positiva de crianças negras e brancas, ainda constatamos cotidianamente, os conhecimentos e experiências valoradas pela razão indolente eurocentrada, em contrapartida às experiências, vivências e saberes das crianças inseridas em contextos de vidas díspares ao cenário europeizado.

Desvalorizar as experiências das crianças, principalmente daquelas marcadas pelas diferenças, pela pobreza e pelo fato de serem negras, consiste numa deflagração das relações de dominação e subjugação existentes nas práticas escolares, conforme analisa Nilma Lino Gomes (2005) “[...] estamos imersos em relações de poder e de dominação política e cultural, nem sempre percebemos que aprendemos a ver as diferenças e as semelhanças de forma hierarquizada: perfeições e imperfeições, beleza e feiura, inferioridade e superioridade.” (GOMES, 2005, p. 51).

De acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil, (DCNEI, Resolução CNE/CEB nº 5/2009)<sup>27</sup>, em seu Artigo 4º,

“[...] a criança é um sujeito histórico e de direitos, que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivência, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura.” (BRASIL, 2009, p. 01).

Nessa perspectiva, faz-se necessário refletir sobre os sentidos das vivências e experiências de aprendizagens oferecidas no campo escolar, para a construção da identidade de crianças negras e brancas, gestando subjetividades, conhecimentos e interações, num contexto social caracterizado pela diversidade e complexidade das relações étnico-raciais. Segundo Passos (2012, p. 112):

[...] a educação das relações étnico-raciais exige novas aprendizagens e novas sociabilidades para um projeto coletivo de uma Educação Infantil mais democrática, justa e plural, principalmente se compreendemos que as crianças se constituem nas interações que lhes são propostas pelos adultos e nas que elas próprias estabelecem entre si, em diferentes contextos. Interações essas permeadas por seus pertencimentos: étnico-raciais, de gênero, de classe, de religiosidades, de localização geográfica etc. São meninos e meninas constituídos por diferentes fatores socioculturais que os tornam singulares, mas também são parte de grupos sociais que, em grande medida, são negligenciados e invisibilizados nas instituições educativas.

Nesse processo, a superação da perspectiva eurocêntrica de conhecimento e valores torna-se um desafio, pois ainda imerge nos processos escolares a propagação e desdobramentos de desnaturalização das diferenças culturais. Munanga (1988) postula que, ao pensarmos a identidade negra brasileira, devemos pensar na relação dialógica entre negros e brancos, com cada um preservando suas idiosincrasias. Ainda sobre a questão da identidade, Munanga (1988, p. 44) afirma que o ponto central,

‘[...] consiste em assumir plenamente, com orgulho, a condição de negro, em dizer, com cabeça erguida: sou negro. Ou seja, [...] aceitando-se, o negro afirmar-se cultural, moral, física e psicologicamente. Ele assumirá a cor negada e verá nela traços de beleza e de feiura como qualquer ser humano “normal”.

Portanto, reiteramos afirmativa de Passos (2021), que “a educação das relações étnico-raciais exige novas aprendizagens e novas sociabilidades para um projeto coletivo de uma Educação Infantil mais democrática, justa e plural.” É preciso proporcionar experiências que reduzam as ideologias hegemônicas e corroborem com a formação de uma sociedade mais justa e igualitária, tendo em vista o caráter racista ainda existente no nosso país. É fundamental que profissionais da educação infantil, compreendam a necessidade de se trabalhar com literaturas focadas nas temáticas raciais. Neste caso de estudo, em literaturas focadas no processo de construção positiva de identidades de crianças negras.

Enquanto mulheres negras, educadoras da Educação Infantil nos municípios de Serra e Vitória- E.S., ainda registramos no contexto das unidades escolares, poucos iniciativas educativas em ações e/ou projetos envolvendo literatura de matriz africana, a desconsiderar a realidade marcante, representada em corpos pulsantes e vívidos de crianças negras, presentes mas invisibilizados na sala de aula .

No sentido de práticas educativas que se rebelem à hegemonia euro centrada, que anunciem e afirmem ascensão da educação emancipatória e antirracista, acreditamos e apostamos na literatura como ferramenta lúdica antirracista. Neste sentido, é fundamental que a literatura reproduza e represente a realidade que vivemos, no qual, crianças e adultos negros constituem o cotidiano da sociedade em todos os contextos sociais.

A literatura infantil encontra papel fundamental para a formação humana e o desenvolvimento dos processos educativos para o estabelecimento da equidade racial, protagonizando contextos afirmativos que valorizem a identidade histórica e cultural de matriz africana, com representatividade positiva para a autoimagem das crianças negras.

As brincadeiras e os processos lúdicos, alinhados com a literatura infantil de matriz africana, ampliam conhecimentos e aprendizagens, desenvolvimento da linguagem oral, escrita e no imaginário das crianças pequenas e para além das várias estratégias pedagógicas que podem ser abordadas em sala de aula, corrobora para desinibição e inclusão das crianças negras nos processos lúdicos das brincadeiras no coletivo escolar, pois quantas vezes não ouvimos restrições construídas pelas próprias crianças, em seu

imaginário, para o estabelecimento de regras nas brincadeiras coletivas, frases do tipo *‘você não pode ser princesa na brincadeira porque é preta!’*, *‘você será o bandido, e eu o policial... você é preto...’*, e outras construções repetidas pelas crianças, muito provavelmente a partir das falas de adultos da família, do contexto da escola ou dos outros meios de comunicação e informação que reproduzem o racismo em nossa sociedade. Portanto, no trato de uma educação antirracista, a literatura constitui amplos caminhos de possibilidades na construção de projetos pedagógicos, abrangendo vários temas, desde identidade, identidades, diferenças, bem como projetos específicos como tipos de cabelo.

Contudo nesse repertório de estratégias, é imprescindível abordar a diversidade brasileira. Nesse interim o fortalecimento, valorização e empoeiramento das crianças ditas diferentes, e que são socialmente marginalizadas por serem negras, serão o foco da construção positiva das diversas identidades entre crianças negras e brancas e desconstrução dos estereótipos.

A potencialidade comunicativa do repertório de imagens que transpassa nas produções literárias ajuda a povoar o imaginário da criança, e essa forma de texto, encanta e marca simbolicamente sentidos à criança leitora. Nessa proposição, a literatura infantil *“Meu crespo é de Rainha”* da autora americana e feminista bell hooks, com ilustração de Chis Raschka, promove a desconstrução de estereótipos que atravessa o cabelo das meninas e mulheres negras em nossa sociedade.

O cabelo é conhecido pela militância negra como um ato de resistência contra a manutenção racista que perpassa a estética negra. A normatização da sociedade enaltece o fenótipo da branquitude, o que resulta com que muitas crianças desde pequenas não aceitem seus cabelos crespos. Gomes (2019) disserta:

E é durante esse período que a relação negro/cabelo se intensifica. O desejo manifesto pela criança negra de alterar o ‘estilo’ do seu cabelo é algo complexo. Ele diz respeito à construção dessa criança enquanto sujeito em relação à própria imagem e também é resultado de relações sociais assimétricas, baseadas na imposição de modelos de homem, de mulher, de adulto, de raça e de etnia. (GOMES, 2019, p. 192)

A construção positiva da identidade corpórea exige um penoso processo de desconstrução de inferiorização e preconceitos. Conforme Candau (2012) a diferença

impressa pela cor da pele e outros sinais do corpo serviu como argumento para justificar a colonização e encobrir intencionalidades de exploração seja na economia, como nos processos políticos e sociais.

A literatura com temática africana e afro-brasileira precisa ser conhecida e reconhecida com suas riquezas e significados. Possibilitar a igualdade racial por meio das relações dialógicas com as narrativas literárias da cultura africana e afro-brasileira, promover na criança a construção da consciência crítica, sendo uma forma de valorizar as diferenças étnico-raciais.

Com uma linguagem simples e lúdica, a narrativa da literatura infantil “Meu crespo é de Rainha”, valoriza a diversidade de penteados enaltecendo as crianças negras com seu cabelo crespo, proporcionando outras histórias, conhecimentos e perspectivas de educação. A nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie (2019), abordar o perigo de uma histórica única:

Todas as histórias me fazem quem eu sou. Mas insistir só nas histórias negativas é simplificar minha experiência e não olhar para as muitas outras histórias que me formaram. [...], mas existem outras histórias que não são sobre catástrofes, e é muito importante, igualmente importante, falar sobre elas. (ADICHIE, 2019, p. 26,27)

Possibilitar a igualdade racial por meio das relações dialógicas com as narrativas literárias da cultura africana e afro-brasileira, promover na criança a construção da consciência crítica, sendo uma forma de valorizar as diferenças étnico-raciais, em especial o cabelo crespo tão presente na cultura das crianças negras inseridas no contexto da educação infantil.

Assim, o cabelo crespo não é feio e nem ruim, tem seu lugar para pentear e enfeitar ou deixar como estar. Em uma ação de empoderamento (hooks, 2018), ressalta a liberdade de expressão e afeto com o cuidar dos cabelos e autoestima das crianças e suas infâncias.



Figura 1 imagem recortada do livro “Meu crespo é de Rainha”

Esse contexto, em entrelaçar diálogos para a educação das relações étnico-raciais, traz desafios aos processos educativos e à formação de sujeitos de direitos que consideram suas especificidades, e, ao mesmo tempo, constitui contribuição no fortalecimento dos processos democráticos, emancipatórios e de descolonização dos conhecimentos e dos currículos escolares.

Acreditamos que o campo fértil da literatura infantil de matriz africana possa ser uma preciosa ferramenta de articulação e expressão à educação para as relações étnico-raciais em nossa sociedade brasileira. Nesse sentido, a partir da obra literária “Meu crespo é de rainha”, prosseguimos o entrelaçamento de diálogos no Centro de Educação Infantil, com nossos pares de educadoras e nos planejamentos com a pedagoga escolar, para posterior aplicabilidade das ações educativas a partir desta literatura com as crianças da sala de aula na qual atuamos como pesquisadoras e como regente. Cabe ressaltar que outras literaturas infantis de matriz africana já contemplava o repertório dos momentos de rodas de histórias e conversas desta referida sala.

Encantada e inspirada na dinâmica metodológica que celebra a beleza e a diversidade dos cabelos crespos e cacheados, na contação de história, “MEU CRESPO É DE RAINHA, poema de bell hooks por Samara Rosa | Fafá Conta” (Youtube Fafá conta histórias) avançamos em nossas perspectivas pedagógicas para o trato com a estética, beleza e diferenças dos cabelos das crianças. As ações educativas de contação de histórias, vivências e experiências com as expressões sensitivas e visuais com elemento cabelo, em tocar os cabelos, pentear, enfeitar, desfilar e produzir todo o encantamento que é possível com as crianças na Educação Infantil já estavam previstas e encaminhadas em nossas ações para o projeto pedagógico.



Contudo, a possibilidade de apresentar às meninas e os meninos, diferentes penteados e cortes de cabelo de forma positiva, alegre a partir do envolvimento de outros contextos de relações sociais e familiares, como das suas mães, irmãs, tias, avós, amigas (os) bem como de professoras e funcionárias da escola, foi um lampejo de percepção e compreensão, para um passo fundamental e estratégico, contanto desafiador, em que as dinâmicas escolares e práticas pedagógicas aproximem-se das famílias, para conhecer e enriquecer histórias que guarda profundos ensinamentos a respeito das suas vivências.

Nesse sentido, valorizar esse aspecto da cultura trazido pelas crianças negras, supõe observação cuidadosa por parte de nós educadores da Educação Infantil, em possibilitar “[...] acesso [aos] conhecimentos que explicam a existência das diferentes características físicas das pessoas, os diferentes tons de cor da pele, as diferentes texturas dos cabelos e formato do nariz, buscando valorizar tais diversidades.” (BRASIL, 2006, p.47)

Nessa perspectiva, como afirma Munanga (1988), todas se orgulharem de quem são, e assumem a cor negada e os traços nelas encontradas de beleza, de diferenças ou até mesmo de feiura como qualquer ser humano dito “normal”.

Desafiar nossa dinâmica docente, em socialização e visibilidade da cultura negro-africana, ampliando as estratégias de roda de contação de história, a partir da literatura infantil “Meu cabelo crespo é de rainha”, consiste ação educativa que se ampliou no contexto da sala de aula e que está caminhando em processo de construção. Contudo, nos move considerar que,

“[...] Nas instituições educacionais, o papel das educadoras está relacionado também à busca de formas que possibilitem atuar para romper com os preconceitos, por meio de pesquisas, levantamentos, assim como do contato com os familiares das crianças, para permitir maior conhecimento da história de vida das mesmas. (BRASIL, 2006, p.42)

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

É necessária a promoção do respeito mútuo, o respeito ao outro, o reconhecimento das diferenças, a possibilidade de se falar sobre as diferenças sem medo, receio ou preconceito.

O processo educacional tem importância estratégica para a manutenção de racismos e preconceito racial, assim como representa um potente veículo de possibilidade de mudanças e desconstruções dos padrões estabelecidos socialmente e de combate ao racismo.

Assim, é de suma importância verificar a atuação e caminhos de possibilidades da ação docente no cumprimento desta importante tarefa que ora abordamos como princípio educativo. Ao mesmo tempo, surge o interesse de conhecer estratégias metodológicas no campo da literatura infanto-juvenil, e nas escolhas desses livros, que fomentem recursos e possibilidades educativas no interior da sala de aula, para potencializar a oralidade, a expressão de ideias, a curiosidade e o imaginário investigativo acerca da cultura africana, possibilitando assim, experiências de aprendizagens significativas pautadas em situações diferenciadas, que desmascaram mitos e preconceitos em relação a população negra nos processos de socialização. Mediante a este desafio, que demarca posicionamento político destas educadoras/pesquisadoras, nos interessa reflexionar e entrelaçar diálogos para a educação das relações étnico-raciais, na perspectiva do direito a diferença na Educação Infantil.

Nesse ponto, deparamo-nos com a frase célebre e memorável, de um dos maiores combatentes ao regime Apartheid e considerado o maior símbolo na luta contra a segregação racial, Nelson Mandela quando afirma: “Ninguém nasce odiando outra pessoa pela cor de sua pele, por sua origem ou ainda por sua religião. Para odiar, as pessoas precisam aprender, e se podem aprender a odiar, podem ser ensinadas a amar.”

## REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. O perigo de uma história única. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

BRASIL, Ministério da Educação. Resolução CNE/CEB nº 5/2009. **Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil**. República Federativa do Brasil. Brasília, 2009.

BRASIL, Ministério da Educação / Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. **Orientações e Ações para Educação das Relações Étnico-Raciais**. Brasília: SECAD, 2006.

CANDAU, Maria Vera (org.). **Didática crítica intercultural: aproximações**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes. 2012.

GOMES, Nilma Lino. **O movimento negro no Brasil: ausências, emergências e a produção dos saberes**. Política e Sociedade. Volume 10- Nº 18.p.133-154, 2011.

GOMES, Nilma Lino. **Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolo da identidade negra**. 3ª ed. Belo Horizonte: Editora, 2019.

GOMES, Nilma Lino. **Trajetórias escolares, corpo negro e cabelo crespo: reprodução de estereótipos ou ressignificação cultural? Revista brasileira de educação**, Rio de Janeiro, n. 21, p. 40-51, 2002.

GOMES, N. L. Educação e Relações Raciais: refletindo sobre algumas estratégias de atuação. In: MUNANGA, K. **Superando o Racismo na escola**. 2ª Ed. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2008.

HOOKS, Bell. **Meu crespo é de rainha**. São Paulo: Boitatá, 2018.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude. Usos e sentidos**. São Paulo: Ática, 1988.

MUNANGA, Kabengele. **Educação e relações raciais: discutindo algumas estratégias de atuação**. In: MUNANGA, Kabengele (Org.). **Superando o racismo na escola**. Brasília: MEC, 1999.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Renovar a teoria crítica e reinventar a emancipação social**. Tradução Mouzar Benedito. São Paulo: Ed. Boitempo, 2007.

HOOKS, Bell; ROSA, Samara. **Meu crespo é de rainha: Fafá conta histórias**. [s.d.]. Disponível em: < [https://www.youtube.com/watch?v=DO\\_FN-mEn84&t=164s](https://www.youtube.com/watch?v=DO_FN-mEn84&t=164s)>. Acesso em: 13 novembro 2021.